

---

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS COMO ENFRENTAMENTO AO RACISMO ESTRUTURAL EM UM COLÉGIO PÚBLICO DE BARREIRAS – BA

Felipe Ribeiro Ramos<sup>1</sup>

Marcia Virginia Pinto Bomfim<sup>2</sup>

### Resumo

Essa pesquisa buscou investigar as práticas pedagógicas antirracistas como enfrentamento ao racismo estrutural em um colégio público de Barreiras - BA. As práticas pedagógicas antirracistas são uma maneira de erradicação do preconceito presente nas estruturas sociais que o racismo estrutural utiliza para se manter enraizado na vida dos grupos de pessoas pretas (indígena, quilombola etc.). Para este propósito, essa investigação utilizou uma abordagem qualitativa, com um estudo espelhado na pesquisa de campo, análises documentais e pesquisa bibliográfica. Na análise e interpretação dos dados foram utilizados autores como: Almeida (2019), Kilomba (2019), Oliveira (2021), Quijano (2002) e outros. O resultado da pesquisa revelou que o racismo estrutural está presente na estrutura e/ou instituição escolar, reproduzindo-o sistematicamente.

**Palavras-chave:** práticas pedagógicas antirracistas; racismo estrutural; estrutura institucional.

### Introdução

O racismo estrutural está presente no cotidiano de todos os grupos sociais formados por pessoas pretas, tais como: indígenas, quilombolas e outros. Grande parte desses grupos compõe a sociedade brasileira desde que foram trazidos, obrigatoriamente, da África para os países que estavam em processo de desenvolvimento ou sendo conquistados (MOURA, 2014).

No racismo estrutural, apenas a parcela branca da população, que por fatores históricos, sociais, culturais, políticos e institucionais, comandam e dominam as estruturas de poder presentes na sociedade. Essas estruturas possibilitam apenas essa parcela da população a terem acesso aos recursos supervalorizados da sociedade.

Neste trabalho, a estrutura de poder analisada foi a instituição escolar, pois ela, apesar de ser elemento de transformação, pode ser também reprodutora de desigualdades sociais (ALMEIDA, 2019), além de produzir e reproduzir nas suas estruturas institucionais os padrões

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

<sup>2</sup> Graduada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestra em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

e elementos que o racismo estrutural utiliza para perpetuar na vida dos diferentes grupos de pessoas pretas.

Diante do exposto, essa pesquisa teve como objetivo geral; investigar quais são as práticas pedagógicas antirracistas que servem como enfrentamento ao racismo estrutural em um colégio público de Barreiras – BA. Assim foi usado os seguintes objetivos específicos: discutir as práticas pedagógicas antirracistas, conceituar os elementos do racismo estrutural e identificar elementos do racismo estrutural em um colégio público de Barreiras-BA.

Para obter os dados dessa investigação foi utilizado uma pesquisa qualitativa que busca informações a partir da própria realidade pesquisada (DENZIN; LINCOLN, 2006) além de pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e de maneira embrionária a pesquisa de campo, seguidas por algumas técnicas e instrumentos de pesquisa como: observações, questionários, entrevistas e outras.

Portanto, as práticas pedagógicas que enfrentam o racismo estrutural devem ser reforçadas constantemente, visto que esse tipo de racismo está presente na estrutura institucional que compõe o local onde ocorreu a pesquisa, além de estar sendo reproduzindo sistematicamente no cotidiano dos alunos que compõem o grupo de pessoas pretas que participaram dessa pesquisa.

### **Práticas pedagógicas antirracistas**

As práticas pedagógicas antirracistas são práticas educacionais que visam a erradicação do preconceito, estruturalmente, impregnado nas instituições de ensino e em diversas esferas sociais. Essas práticas devem “repudiar qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar” (CAVALLEIRO, 2001, p.158), uma vez que buscam, frequentemente, reflexões sobre o racismo e suas ramificações.

Elas servem como pré-requisito para desconstrução do paradigma criado, historicamente, a respeito da inferioridade do negro e outros povos, em relação ao branco, pois é no decorrer de toda a educação que esses tipos de características são criadas e desenvolvidas.

Gomes (2005) alerta sobre a importância de discutir as questões étnico-raciais e as características que consistem, historicamente, as pessoas pretas, além de valorizar as culturas dos povos pretos não como foco principal, mas como questão orientadora de princípios e entendimentos sobre essa temática.

Assim, esses princípios e entendimentos podem ser associados às experiências concretas que seriam expostas e desenvolvidas como características das práticas pedagógicas antirracistas, no intuito de levar o máximo de pessoas a entenderem e vivenciarem um tratamento sistematizado no respeito e igualdade, sendo questões essenciais para compreensão da contribuição do negro nos diversos espaços socioculturais que compõem a nossa sociedade.

Esse é um dos objetivos propostos pelo parágrafo 1º da Lei nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da temática: "História e Cultura Afro-Brasileira", em todo o currículo, possibilitando, assim, o estudo da

história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2003, online).

A atitude de trazer a história dos povos pretos como referenciais de uma prática pedagógica antirracista, traz características importantes para a compreensão histórica e cultural de lutas e conquistas dessa população, além de mostrar caminhos para atuar dentro do sistema de ensino do nosso país.

Desse modo, as práticas pedagógicas antirracistas devem englobar todos os atributos de uma educação antirracista, a saber: considerar os processos históricos, sociais e culturais que essas pessoas enfrentaram no decorrer das suas trajetórias de vida, estar presente no currículo e nos documentos legais que implementam os aspectos étnico-raciais nas instituições de ensino e erradicar qualquer atitude preconceituosa existente na estrutura socioeducacional.

### **Conceitos do racismo estrutural**

O racismo estrutural é uma ramificação do racismo existente, enraizado na sociedade brasileira. É decorrente da própria estrutura da sociedade e “ainda segue estando organizada sobre e ao redor do eixo colonial” (QUIJANO, 2005, p 135), considerando e integrando causas sociais, culturais, históricas, institucionais, políticas e econômicas, como elementos da sua constituição.

Segundo Almeida (2019), ele é um sistema institucional que torna o racismo uma regra que dificulta a emancipação das pessoas pretas, principalmente, no sistema educacional do nosso país. Assim, o racismo estrutural utiliza uma estrutura que, segundo Quijano (2005), é inserida no poder. Essa estrutura articula formas de existência social como imposição de certos grupos sobre outros.

O racismo estrutural se mantém a partir das estruturas que exercem poder dentro da sociedade, por exemplo, uns indivíduos sobre outros. “É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo” (KILOMBA, 2019, p. 76).

Conforme o pensamento de Kilomba (2019), esse tipo de racismo que é incorporado na sociedade em um nível estrutural, é formado por estruturas que operam, privilegiadamente, apenas a parcela branca da sociedade, colocando o grupo de pessoas pretas em uma desvantagem visível.

Por isso, dentro das estruturas de poder, na perspectiva de Quijano (2005), o racismo precisa de conceitos dominantes que exercem padrões para manter essa população que, historicamente, sempre foi racializada por um grupo de pessoas que dominam as estruturas presentes na sociedade. Estes conceitos são: racismo institucional, político e cotidiano. É importante ressaltar que todos eles estão enraizados, dentro do racismo estrutural.

Sendo assim, o conceito institucional, segundo Almeida (2019), numa perspectiva estrutural, é um conjunto de comportamentos direcionados ao funcionamento das instituições, favorecendo a desvantagem das pessoas pretas de modo geral. Essas instituições orientam ações que, subjetivamente, estabilizam os sistemas sociais. O efeito que esse conceito institucional exerce nas instituições como: Estado, Escola, Empresas e outras, “podem tanto modificar a atuação dos mecanismos discriminatórios, como também estabelecer novos significados para a raça” (ALMEIDA, 2019, p. 28).

Além disso, nessa perspectiva institucional, o racismo estrutural não separa do político, pois ambos desenvolvem mecanismos e padrões de opressão que mantêm, apenas, a supremacia branca no poder.

O racismo político é um “processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 35). Esse processo, oprime e cria padrões de discriminação, que muitas vezes são institucionais, por serem desenvolvidos por uma instituição que está no controle.

Esse sistema político desenvolve uma ideologia que se manifesta dentro das instituições, fornecendo, assim, “uma sociedade estruturalmente marcada por contradições, conflitos e antagonismos insuperáveis” (ALMEIDA, 2019, p.60).

Tudo isso se retrata no racismo cotidiano, pois é uma forma de materialização dos conceitos do racismo estrutural, uma vez que ele sempre se manifesta no cotidiano de todas as

peças pretas presentes na sociedade. Dessa forma, Kilomba (2019) afirma que o racismo cotidiano é a outridade<sup>3</sup> de tudo aquilo que a supremacia branca não quer para si.

No racismo cotidiano, as pessoas pretas são tratadas de forma desigual e isso “não é um ataque único ou um evento discreto, mas sim uma constelação de experiências de vida, uma exposição constante ao perigo, um padrão contínuo de abuso” (KILOMBA, 2019, p. 80).

A vista disso, os conceitos do racismo estrutural estão enraizados na sociedade porque existem padrões e elementos históricos, cotidianos, políticos, econômicos, sociais, institucionais e outros que sempre tentam manter apenas uma parcela da população no controle.

### **Os elementos do racismo estrutural**

Os elementos do racismo estrutural são os instrumentos que servem para manter, estruturalmente, os seus conceitos sempre em movimento. A tese central é que o racismo sempre “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 15).

Os elementos do racismo estrutural são: a fala, as diferenças raciais, a outridade, etc. (ALMEIDA, 2019; KILOMBA, 2019). Eles estão presentes nos caminhos que as pessoas decidem tomar, além de permanecer, obrigatoriamente, na cultura imposta e padronizada, principalmente, pelas elites e classes da sociedade. Assim, esse tipo de racismo, “é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Historicamente, de acordo com Moura (2014), essas condições começaram quando forçaram os habitantes da África a irem para os países que estavam em processo de desenvolvimento ou de conquista. Isso tirou, de forma parcial, as raízes identitárias que essas pessoas possuíam em seus territórios, fizeram esquecer as suas linhagens, suas famílias foram fragmentadas, os seus rituais religiosos foram desarticulados, contudo, as suas ancestralidades foram acabaram sendo degradadas.

Essas pessoas acabaram tendo que se adaptar a uma nova realidade, totalmente diferente. Desse modo, os seus costumes, culturas e ancestralidades foram sendo reconstruídas em um ambiente diferente. Todavia, por questões estruturais do racismo, os seus costumes acabaram sendo vistos de uma forma preconceituosa.

---

<sup>3</sup> O outro (KILOMBA, 2019).

Com base nesse ponto de vista, “o racismo como conhecemos hoje é produto de uma tipologia de classificação racial consolidada, principalmente, no século XVI como instrumento do projeto eurocentrista” (OLIVEIRA, 2021, p. 68). Essa tipologia é manifestada na contemporaneidade como uma classificação racial que desrespeita o negro, institucionalmente, na sua totalidade, além de contribuir com o capitalismo a favor de uma falsa meritocracia.

Por esses fatores, as pessoas pretas, conforme Almeida (2019), têm menos acesso aos bens sociais, especialmente, à educação, pois em consideração aos seus aspectos históricos, políticos e econômicos, elas são direcionadas, estruturalmente, a trabalhos precários e com má remuneração.

O racismo estrutural é elencado, fortemente, nas instituições de ensino, pois elas são uma representação fiel da sociedade capitalista que todos nós fazemos parte. Desse modo, o racismo estrutural na educação “age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece a luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos” (MOURA, 2014, p. 219).

É correto afirmar que além dos elementos sociais, cotidianos, políticos, históricos, econômicos, educacionais e, principalmente, institucionais, o racismo estrutural também se manifesta “de forma circunstancial e específica em conexão com as transformações sociais” (ALMEIDA, 2019, p. 36).

Portanto, esses elementos estão, totalmente, enraizados na sociedade e se manifestam por meio das relações sociais, educacionais e institucionais, no intuito de manter um sistema capitalista e meritocrático que desconsidera, historicamente, as heranças de todas as pessoas pretas.

## **Resultados e discussões**

Para alcançar os objetivos da pesquisa, utilizamos dois questionários direcionados para professores e alunos. O questionário foi aplicado em nove turmas, oito do período matutino e uma do vespertino. Foi retirada uma amostra de três alunos de cada turma. Um aluno preto, outro pardo e, por último, um branco. A escolha por esse público se deu a partir dos elementos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), pois eles se manifestam, independentemente, da etnia que cada aluno se identifica.

Dessa forma, a amostra completa entre os alunos de todas as turmas foi de vinte e sete. É importante mencionar que o quantitativo de alunos pretos e pardos do colégio é muito superior

aos dos alunos brancos. Além disso, boa parte dos alunos residem em comunidades campesinas localizadas próximas a cidade de Barreiras - BA.

Nessa perspectiva, no questionário, foi perguntado para os alunos que participaram da pesquisa, se eles reconheciam a existência do racismo na sociedade brasileira. Todos os alunos responderam que sim.

Na segunda pergunta foi perguntado sobre: você já foi vítima de racismo em alguma situação? Onde? Pode descrever? Dos 27 entrevistados, 18, considerados pretos e pardos já foram vítimas de racismo em alguma situação. 8 dos 9 alunos brancos nunca sofreram nenhum tipo de racismo. Apenas 1 aluno branco sofreu racismo, porém esse aluno possui traços fenóticos de pessoas da cor preta (cabelo crespo - afro). 2 alunos brancos já presenciaram comportamentos racistas dentro do colégio. As conclusões acima são respaldadas pelas seguintes falas que naturalizam o preconceito por meio de brincadeiras:

**Aluno J:** já presenciei com outras pessoas no colégio por exemplo, “brincadeiras” ofensivas de cunho racista sendo tratadas com naturalidade.

**Aluno H:** já presenciei pessoas cometendo tal ato com outras pessoas (SIC).

Essa naturalização do preconceito pode ser retratada no racismo cotidiano (KILOMBA, 2019), uma vez que a animalização que acontecem por meio dessas “brincadeiras ofensivas” na maioria dos casos retrata o preto de uma forma inferior.

Diante do exposto, dos 19 alunos que já sofreram algum tipo de racismo, nove (9) já sofreram racismo dentro do colégio, com as brincadeiras ditas inofensivas. Isso é alarmante, porque é um índice de muito preconceito que acaba impactando a vida dos jovens que são vítimas. Algumas falas serão apresentadas para alertar o tamanho da gravidade que essa situação representa.

**Aluno A:** na escola eles praticaram por conta do meu cabelo, foi muito ruim essa sensação.

**Aluno B:** já faz um mês que aconteceu, falaram do meu cabelo de uma forma que não me agradou.

**Aluno C:** isso aconteceu por causa de uma brincadeira e me chamaram de picolé de petróleo, isso foi muito constrangedor para mim.

**Aluno D:** na hora do intervalo em um momento de distração de brincadeira um aluno da minha sala me chamou de macaca.

**Aluno E:** me chamaram de carvão, macaca e etc. E sobre o meu cabelo, por conta de ser cacheado falaram que parecia um capacete.

**Aluno F:** na escola já fui chamado de macaco.

Almeida (2019) e Kilomba (2019) destacam que essas falas, nas suas entrelinhas, tentam deixar as pessoas pretas de grupos étnicos diferentes, em uma posição de desvantagem, pois a

incivilização e primitivização (macaco) são falas que estão estruturadas na sociedade (QUIJANO, 2005) e, por consequência, estão presentes nas relações entre os alunos do colégio.

Dessa forma, Almeida (2019) relata que a consciência crítica antirracista inicia-se a partir da compreensão histórica, social e cultural, das circunstâncias que os povos pretos foram submetidos por diversos períodos, isto é, a consciência antirracista só é construída quando a temática é estudada ou discutida.

A última pergunta foi: você reconhece a existência de alguma prática pedagógica antirracista aplicada pelos professores deste colégio? 18 alunos afirmam reconhecer a existência de práticas pedagógicas antirracistas no interior desse colégio.

As práticas que eles citaram foram: filmes, estudos nas aulas de arte, sociologia e filosofia. Para uma área tão ampla, a existência dessas práticas apenas nesses componentes curriculares, se torna uma negligência, pois sem estudos não criamos uma consciência antirracista (ALMEIDA, 2019). Assim, nove (9) alunos alegaram que não reconhecem a existência dessas práticas. Isso comprova o não comprometimento da escola em não operacionalizar, cotidianamente, o apoio aos estudantes que são vítimas do racismo estrutural.

Logo, com as falas obtidas por esse questionário, pode-se constatar que existem a utilização de práticas pedagógicas antirracistas, porém, essas práticas não ocorrem frequentemente, facilitando, assim, a expansão do racismo dentro dessa instituição de ensino.

### **A utilização de práticas pedagógicas antirracistas e o entendimento sobre o racismo estrutural dos professores.**

Para dar continuidade a pesquisa e desvelar o entendimento sobre o racismo estrutural e a utilização de práticas pedagógicas antirracistas, foi aplicado um questionário para os professores de história, história e cultura afro-brasileira<sup>4</sup>, literatura (português), filosofia-sociologia (mesmo professor) e artes. Na primeira pergunta, você desenvolve práticas pedagógicas antirracistas no colégio? Três professores responderam que sim. Um professor respondeu que não. Esse último professor ministra os componentes curriculares de literatura (português).

Partindo dessa ótica, há certa negligência relacionada às questões raciais, visto que um componente curricular não desenvolve práticas pedagógicas antirracistas. Isso ainda levanta questões como: porque não discutir a literatura afro-brasileira? Qual a importância de autores

---

<sup>4</sup> Será desconsiderado o questionário do professor que ministra o componente curricular de “história e cultura afro-brasileira”, pois pesquisou todas as perguntas do questionário na internet.

negros para o entendimento histórico e cultural dos alunos? Qual a importância da literatura negra para a construção estrutural do nosso país?

Diante do exposto, a direção do colégio deve atentar para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que envolvam a literatura dos povos pretos, principalmente, nos componentes curriculares que discutem a literatura, pois a tímida existência de práticas pedagógicas antirracistas nessa área pode proporcionar a expansão estrutural do racismo (QUIJANO, 2005) nessa instituição.

Na segunda pergunta: quais práticas pedagógicas antirracistas podem ser aplicadas no colégio? os professores responderam: trazer a história tradicional dos negros, debater casos atuais de racismo, desenvolver oficinas temáticas com o tema, atividades de intervenção entre a escola e a comunidade, enaltecer grupos étnicos e outros.

Com base nessas respostas, pode-se notar que a maioria entende sobre algumas práticas que podem ser usadas no colégio. Desse modo, a importância de discutir sobre a invisibilização de um povo, o reconhecimento do protagonismo negro (KILOMBA, 2019) e a importância de enaltecer diferentes grupos étnicos, podem ser usados como uma prática pedagógica antirracista. Com isso, as falas dos professores refletem uma relação íntima com a temática pesquisada.

A terceira pergunta: quais os elementos podem ser abordados em uma prática pedagógica antirracista? Diz respeito aos conteúdos, formas de trabalho com as questões étnico raciais e, até mesmo, com alguns recursos que podem ser usados para o desenvolvimento dessas práticas.

Todos os professores alertaram sobre a importância de discutir as questões raciais que foram materializadas nas contribuições dos negros para a sociedade, leituras literárias sobre esses assuntos, superar a ideia do reducionismo negro e outros.

Pode-se considerar que as falas dos professores estão dentro da proposta de uma prática pedagógica antirracista, pois estão dialogando com o que afirma Gomes (2005) as práticas pedagógicas antirracistas devem estar acompanhadas da historicidade dos seus povos, além de trazer as suas culturas para serem discutidas.

Dando continuidade com as perguntas do questionário, foi a vez de perguntar aos professores sobre os documentos que orientam as práticas pedagógicas antirracistas do colégio. Os professores responderam: BNCC, DCRB, LDB, PPP e Estatuto da igualdade racial. É importante destacar que o PPP da instituição não faz referência a nenhuma atividade antirracista.

Vale ressaltar que a maioria dos professores faz uso de um suporte legal que orienta as práticas pedagógicas do colégio. Porém, nenhum professor citou a lei 10.639/03 que estabelece o ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena, como um referencial que orienta as suas práticas pedagógicas.

O entendimento dessa Lei proporciona uma compreensão maior das relações étnico raciais, uma vez que estabelece a implementação e discussão sobre a história dos povos pretos ao longo da conquista do Brasil. Isso não quer dizer que os professores não trabalhem essas questões, mas com um suporte legal, o estudo, discussão e entendimento, será mais eficaz tanto para o professor quanto para os alunos.

Com base nessas considerações, as práticas pedagógicas antirracistas estão sendo desenvolvidas, parcialmente, sem orientação documental adequada que estabeleça os critérios e direcionamentos para proporcionar uma prática pedagógica antirracista que repudie qualquer atitude preconceituosa (CAVALLEIRO, 2001) dentro do colégio.

Com isso, foi perguntado para os professores sobre como as práticas pedagógicas antirracistas podem ser inseridas no currículo desse colégio. As respostas foram: no planejamento das aulas, palestras, filmes, eventos como a semana da consciência negra, conforme a autonomia do professor, projetos e outros.

Os professores discutem sobre a temática étnico racial, porém ela é tratada de forma isolada, pois deram ênfase, apenas, ao evento da consciência negra que acontece no mês de novembro.

Dessa forma, a não utilização adequada de práticas pedagógicas antirracistas, contribui com a expansão do racismo enquanto estrutura social. A opinião dos professores sobre a questão em pauta, afirma que no currículo escolar as práticas pedagógicas antirracistas são implementadas de forma individual e ocorrem em eventos isolados, principalmente, em datas comemorativas.

Portanto, essas perguntas proporcionaram descobrir o entendimento e aplicação das práticas pedagógicas antirracistas no colégio. Vale lembrar que a direção escolar e coordenadora pedagógica devem analisar, criticamente, o processo de implementação dos documentos curriculares, construção e entendimentos sobre a utilização de práticas pedagógicas antirracista, visto que nem todos os professores que responderam esse questionário não tem leituras suficientes que proporcionem construir uma prática pedagógica antirracista.

### **A visão dos gestores e coordenadora pedagógica sobre a utilização de práticas pedagógicas antirracistas.**

Com base nos questionários que foram descritos nos dois itens anteriores, foi aplicada uma entrevista estruturada com a Diretora, Vice-diretor e Coordenadora Pedagógica. A estrutura dessa entrevista foi desenvolvida a partir dos objetivos utilizados no projeto. A princípio, as entrevistas foram realizadas dentro da própria instituição escolar e duraram cerca de vinte minutos cada uma. As três entrevistas realizadas seguiram a mesma estrutura.

Dessa forma, foi perguntado para as três pessoas entrevistadas como elas se auto identificavam. A diretora se identifica como branca, o Vice-diretor como pardo e a Coordenadora Pedagógica como negra. Esses dados são interessantes, pois corroboram com o entendimento das estruturas sociais que existem na sociedade (ALMEIDA, 2019), visto que as pessoas brancas ocupam os melhores cargos na sociedade e essa condição é reproduzida nesse colégio.

A segunda pergunta diz respeito ao reconhecimento do racismo na sociedade brasileira e no colégio. Todos responderam que reconhecem a existência do racismo na sociedade e no colégio, inclusive tanto o Vice-diretor quanto a Diretora já notificaram casos ocorridos entre os alunos.

Nessa circunstância, pode-se considerar que o racismo está presente nas estruturas do colégio, visto que a manifestação do racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) acontece entre os alunos desse colégio.

Dessa forma, foi feito o seguinte questionamento para os participantes da entrevista: qual a importância de desenvolver práticas pedagógicas antirracistas nesse colégio. Todos responderam que era muito importante, afirmando que esse preconceito poderia ser sanado por meio da utilização dessas práticas.

Assim, a utilização dessas práticas no colégio, partindo da visão dos gestores e coordenadora pedagógica, é desenvolvida em momentos isolados, pois nem todos os professores, principalmente, o professor de literatura (português), corroboram com a utilização de práticas pedagógicas antirracistas.

Essas práticas deveriam ter um suporte legal da Lei nº 10.639/03 que atendesse de forma direta as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores. Na visão dos gestores e coordenadora pedagógica, essa lei garante a importância de discussão da temática em sala de aula.

Todavia, é importante lembrar que nas perguntas do questionário aplicado para os professores, nenhum professor faz uso desse referencial como instrumento de ensino e aprendizagem que oriente as suas práticas pedagógicas.

Com base no pensamento de Gomes (2005), essa atitude está desconsiderando os aspectos históricos dos povos pretos, além de omitir e silenciar as suas culturas, dado que quando não é discutido essas questões em sala de aula, a história dos povos pretos acaba sendo, parcialmente, desconsideradas e o racismo cotidiano pode se tornar cada vez mais frequente.

Continuando com a entrevista, foi questionado para os participantes se eles já tiveram alguma oportunidade de discutir sobre a questão racial com os professores do colégio. A Diretora e o Vice-diretor não tiveram essa oportunidade. A Coordenadora Pedagógica, afirmou que discute nos momentos de atividades complementares e nas jornadas pedagógicas. Porém, pode-se notar que as principais lideranças nunca discutiram a temática com os professores.

Por último, quando se trata de racismo estrutural, só a Coordenadora Pedagógica respondeu conforme o entendimento de Almeida (2019), pois ela afirmou que esse tipo de racismo está presente na estrutura da escola, uma vez que ela é uma reprodutora das desigualdades sociais.

Logo, com todas as informações oferecidas por essa pesquisa, é necessário uma atenção maior para a temática étnico racial, especificamente, para o racismo estrutural e utilização de práticas pedagógicas antirracistas, já que essa última é a responsável por sanar o preconceito dentro da instituição de ensino.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa buscou investigar as práticas antirracistas que servem como enfrentamento ao racismo estrutural, especificamente, em um colégio público de Barreiras-BA, o qual é composto em sua maioria de alunos pretos e pardos, oriundos de zonas rurais que ficam próximas a cidade de Barreiras-BA.

Nesta investigação, foi possível identificar, por meio da análise e interpretação dos dados, que atitudes racistas estão presentes no relacionamento dos alunos e nem todos os professores fazem uso de práticas pedagógicas antirracistas nessa instituição.

Ainda é possível afirmar que todos os alunos, ao responderem o questionário, afirmaram reconhecer a existência do racismo na sociedade brasileira e, conseqüentemente, na instituição de ensino, alguns já relataram que sofreram algum tipo de racismo.

Essa situação confirma o que Almeida (2019) descreve sobre o racismo estrutural; se manifesta nas estruturas institucionais não de forma espontânea, pois os sistemas de educação “são aparelhos que produzem subjetividades culturalmente adaptadas em seu interior” (ALMEIDA, 2019, p. 103).

Em relação à utilização de práticas pedagógicas antirracistas e o entendimento sobre o racismo estrutural no colégio, pôde-se perceber que os professores entrevistados possuem entendimentos superficiais sobre essas questões e que nem todos os professores fazem uso de práticas pedagógicas antirracistas nesse colégio.

Com base nesse entendimento, o racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) é um dos elementos que o racismo estrutural utiliza para se manter enraizado nessa instituição de ensino, além de utilizar a omissão e silenciamento das relações étnico raciais apresentadas, individualmente, apenas em momentos isolados que discutem essa temática.

Quando não se discute a história, cultura e as diferentes identidades dos povos pretos, as suas raízes acabam sendo silenciadas pois, por motivos históricos, essa população, até onde se tem registro, não receberam o mesmo tratamento.

Nesse sentido, é necessário que os professores ampliem os seus conhecimentos referentes à temática étnico racial, especificamente, no que diz respeito ao racismo estrutural, visto que os professores não utilizam a Lei 10.639/03 que implementa o ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo.

O aporte legal proposto por essa lei possibilita o entendimento das questões raciais que envolvem os diferentes povos pretos, além de proporcionar discussões e debates da origem étnico dos povos que o Brasil recebeu no seu período de conquista (MOURA, 2014).

Por isso, é importante que os gestores desenvolvam estratégias para que as práticas pedagógicas antirracistas atinjam os alunos diretamente, uma vez que essa seria uma das alternativas para erradicação do preconceito enraizado nas estruturas do colégio.

Sendo assim, com os dados obtidos por essa pesquisa, foi constatado que o racismo estrutural está presente nas estruturas institucionais do colégio, principalmente, nas relações cotidianas dos alunos. É preciso tomar alguma atitude para solucionar esse problema, pois como a população escolar é, em sua maioria, composta por pessoas pretas, essas manifestações devem ser sanadas.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O trabalho completo pode ser encontrado em: Ramos, Felipe Ribeiro. **Práticas pedagógicas antirracistas como enfrentamento ao racismo estrutural em um colégio público de Barreiras – BA**. 2023. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade do Estado da Bahia. Barreiras.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural: feminismos plurais**. Pólen. São Paulo, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394**. Brasília. MEC/FAE, 1996.

BRASIL. Lei 10.639 (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História Cultura Afro-Brasileira’). **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [www.eticoracial.mec.gov.br](http://www.eticoracial.mec.gov.br). Acesso em: 22/09/2022

CAVALLEIRO, Eliane. Educação Anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: SOUZA, Ana Lúcia Silva *et al.* **Racismo e Anti-racismo na Educação: repensando a nossa escola**. Copyright, 2001.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). 2 Ed. Brasília – DF, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memória da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Cobogó, 2019.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2 Ed. Fundação Mauricio Grabois. São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. 1. Ed. Dandara. São Paulo, 2021.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do poder eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Buenos Aries - 2005.